



Winnicott com Lacan: em direção a um novo Middle Group?

Winnicott With Lacan: Towards a New Middle Group?

 Deborah Luepnitz*

Resumo: Durante a segunda metade do século XX, muitos psicanalistas se alinharam, seja com Donald Winnicott – e a escola britânica –, seja 18 com Jacques Lacan – e sua escola francesa. A evitação de uma tradição em relação à outra parecia quase fóbica. Nas duas últimas décadas, entretanto, tem crescido o interesse pela leitura conjunta desses dois grandes analistas. Tem-se afirmado que Winnicott introduziu a tradição cômica na psicanálise (como indicam sua ênfase no brincar e, mais genericamente, seu “meliorismo”). Lacan, contrastivamente, sustentou a visão trágica de Freud (revelada, entre outras, pela lição “Não há relação sexual” e pelo fato de situar o analista no lugar da morte). Os seguidores de Lacan têm sido criticados por oferecerem pouca provisão ambiental a seus pacientes, além de ignorarem a contratransferência, ao passo que os seguidores de Winnicott têm sido criticados por superestimarem a contra-transferência e ignorarem o papel da linguagem na vida psíquica. Assim, em alguns aspectos, as teorias de Winnicott e Lacan revelam-se complementares e mutuamente limitadoras. A proposta desse paper, contudo, não é sugerir uma combinação das duas, a fim de produzir uma nova teoria “total”. Pretendo, antes, impulsionar o ensino e a prática aprendendo com ambos: Winnicott, o analista da devoção, e Lacan, o analista do desejo.

Palavras-chave: Winnicott, Lacan, contra transferência, brincar, meliorismo, psicanálise

Abstract: Winnicott with Lacan: towards a new Middle Group? During the second half of the 20th century, many psychoanalysts aligned themselves with either Donald Winnicott – and the British school – or with the French school of Jacques Lacan. Avoidance of the other tradition seemed almost phobic. In the past two decades, however, interest has grown in reading these two great analysts together. It has been said that Winnicott introduced the comic tradition into psychoanalysis (as demonstrated in his emphasis on play, and more generally in his meliorism). Lacan, in contrast, sustained Freud’s tragic vision (as demonstrated in teachings such as “The sexual relation does not exist” and in placing the analyst in the position of death). Lacan’s followers have been criticized for offering too little environmental provision to his patients, and ignoring counter transference, while Winnicott’s followers have been criticized for overvaluing the counter transference and ignoring the role of language in psychic life. Thus, in some ways, the theories of Winnicott and Lacan appear to

* Psicanalista e PhD em Psicologia Clínica pela Universidade do Estado de Nova Iorque. Fundadora e Diretora do IFA (Insight For All).

be complementary and mutually limiting. The point of this paper, however, is not to suggest combining them in order to produce some new “total” theory. The purpose is to enhance teaching and practice by learning from both Winnicott, the analyst of devotion, and Lacan, the analyst of desire

Keywords: Winnicott, Lacan, Counter transference, Play, Meliorism, Psychoanalysis

Unglücklich das Land das Helden nötig hat.
Infeliz do país que precisa de heróis.
Bertolt Brecht

No outono de 1990, tive a oportunidade de entrevistar a falecida artista e psicanalista britânica Marion Milner em sua casa, em Londres. Depois de nossa conversa, a senhora Milner se ofereceu para me mostrar suas pinturas feitas nos anos 1930 e 1940. Sua preferida era a de duas galinhas se atacando, com sangue e penas voando. Ela disse: “Eu gosto de falar que são Anna Freud e Melanie Klein brigando pela psicanálise”.

A senhora Milner se referia à batalha de 1940 que arruinou carreiras, acabou com amizades e quase destruiu a Sociedade Britânica de Psicanálise. Isso culminou com a bifurcação da Sociedade nos grupos A e B, com cada membro forçado a escolher uma aliança. Quem acreditava na importância tanto do ambiente quanto da fantasia – e em quem ambas as mulheres confiavam – era Donald Winnicott. Ele não se propôs a criar um terceiro e não alinhado grupo, mas isso de todo modo acabou acontecendo. Ele se associou com o permanente Middle Group na psicanálise, muitas vezes referido como “a tradição independente”.

Outro cisma no mundo psicanalítico ocorreu vinte anos depois e terminou sem um meio-termo comparável. Refiro-me à investigação que culminou com a expulsão de Jacques Lacan da International Psychoanalytic Association (IPA) em 1963 e com o estabelecimento de sua própria escola.

Em seguida à excomunhão de Lacan, ele manteve uma relação estremecida, porém profissional, com Winnicott. Lacan, por exemplo, providenciou uma tradução do famoso artigo sobre o objeto de transição – certamente um sinal de respeito –, mas por anos continuou a reduzir Winnicott a um “analista enfermeiro” que transformaria o projeto radical de Freud em uma forma de “ajuda samaritana” (Lacan, 1977, p. 36).

Por décadas, muitos admiradores de Winnicott e de Lacan se interpretaram mal – ou, pior, ignoraram-se completamente. Winnicott foi acusado de uma *reductio ad matrem* – uma redução de tudo na vida psíquica à toda-poderosa mãe –, que poderia apenas levar a uma “teoria perversa” – “*une propédeutique perverse*” (Miller, 1981, p. 43). Críticos acusaram Lacan de falocentrismo, supervalorizando o papel da linguagem e – ao usar a “variação da duração da sessão” – de privar pacientes de cuidados básicos. O analista do Middle Group Charles Rycroft, em seu *Psicanálise e além*, descreveu o trabalho de Lacan como “um monte de besteira” (Rycroft, 1985, p. 5).

Os últimos vinte anos viram um crescente número de analistas que encontraram inspiração tanto na tradição inglesa quanto na francesa. Alguns de nós, trabalhando atualmente, nos encontramos em uma posição que, de certa maneira, é análoga à do Middle Group original, dos anos 1940. Engajados tanto por Winnicott quanto por Lacan, é impossível não nos encontrarmos entre duas escolas de pensamentos supostamente incompatíveis (Kirshner, 2011; Vanier & Vanier, 2010; Ireland, 2003).

Consideremos, assim, algumas das diferenças importantes entre esses dois grandes pensadores.

Foi dito que foi Winnicott quem introduziu a tradição cômica na psicanálise. Ele o fez por meio de seu senso de humor, de sua ênfase no brincar e, sobretudo, através de seu otimismo. Seu trabalho teórico – assim como seu programa popular na BBC sobre o desenvolvimento infantil – foi persistentemente otimista. Ele acreditava que famílias felizes são possíveis e que a humanidade está mudando para melhor. Isso está em um dramático contraste com o pensamento de Lacan, que sustentava uma visão trágica/irônica da natureza humana. Um dos ensinamentos mais famosos de Lacan é: “Não há relação sexual”. Ele também escreveu: “A vida não quer ser curada”. (Lacan, 1954-1955/1988, p. 233). Ele claramente desejava se distinguir de Winnicott, que, por sua vez, não hesitava em usar palavras como “saúde”, “totalidade”, “maturidade” e “intimidade madura”.

A palavra-chave de Winnicott era *devoção*: ele acreditava que nossas necessidades humanas básicas podem ser satisfeitas com uma mãe suficientemente boa. A palavra-chave de Lacan era *desejo*: ele nos lembra que, enquanto as necessidades podem ser satisfeitas, o desejo não pode, pois ele sempre nos leva a um novo desejo. Ensinar Winnicott e Lacan dá aos alunos a chance de ver a natureza humana tanto pela perspectiva cômica como pela trágica.

Winnicott e Lacan colocavam-se diante de muitos dos mesmos problemas teóricos a partir de pontos de vista distintos. Isso é evidente em seus escritos sobre o estágio do espelho.

O estágio do espelho em Winnicott (1967/1971a) é cheio de promessas. O *self* verdadeiro de cada indivíduo é chamado para a vida no olhar espelhado da mãe suficientemente boa. Sem uma mãe assim, o indivíduo tem uma segunda chance com um analista suficientemente bom, que pode guiar a coerência do *self* e a experiência da integridade. Winnicott usa a frase “quando a família é intacta e uma preocupação permanente...” (Winnicott, 1967/1971a, p. 118). Em inglês, a expressão traduzida por “preocupação permanente” é “*a going concern*”, que significa “um negócio de sucesso”. Novamente, vemos evidência de seu otimismo e de sua perspectiva prática.

O estágio do espelho em Lacan (1949), em contraste, é o local da alienação necessária. A criança que reconhece sua imagem no espelho – muitas vezes enquanto ouve as palavras: “olhe, é você!” –, começa uma vida de busca no exterior, em vez de olhar para dentro a fim de encontrar a identidade. Passamos nossas vidas cativados pelas imagens de nós mesmos, esforçando-nos para nos reassegurarmos de que somos mais intactos do que imaginamos ser. Para Lacan, o que emerge no estágio do espelho é *le moi* (o ego), que ele viu como a fonte de todo sofrimento neurótico. O ego – longe de ser o herói da história – é na verdade o nosso sintoma compartilhado. Em vez de ajudar os pacientes a reforçar suas identidades, Lacan teve a intenção de mostrar o quanto todas as identidades estão erradas. Não podemos aprender quem “realmente” somos sob o olhar de mais ninguém; mesmo o espelho na parede nos engana, trocando a esquerda pela direita. Essa postura desconfiada em relação ao ego foi comparada à visão budista (Moncayo, 2003).

Seguramente, ambas as explicações têm algo importante a nos dizer sobre a vida psíquica. Assim, olhemos as diferenças mais de perto.

1. *Self* e sujeito

Não há nenhum conceito de *self* em Freud, apesar de o termo alemão *das Selbst* obviamente estar disponível. Otto Rank e Sandor Ferenczi se referem ao *self*, mas Freud preferiu *die Seele*, termo que pode ser traduzido por “alma” ou “mente”. Winnicott não cita nenhum uso anterior, ele simplesmente diz que o *self* aparece em “vários sistemas religiosos e filosóficos” (Winnicott, 1960).

De acordo com o *Oxford English Dictionary*, a palavra *self* deriva da raiz “se”, que conota identidade ou mesmice (*ipse*, do latim, traduz *itself*, usado como ênfase). Mas *self* usado como substantivo para se referir ao que é “real e intrinsecamente uma pessoa” não aparece até o Renascimento. Essa entidade semiautônoma e aperfeiçoada – um conceito verdadeiramente humanista – não foi abraçada por todo mundo. O teólogo puritano Charnock escreveu em 1680: “*Self* é o grande anticristo e anti-Deus do mundo”.

Winnicott escreveu sobre o surgimento do *self* através do contato com uma mãe suficientemente boa e seu subsequente “desenvolvimento, crescimento e amadurecimento”. Eigen (1992) escreveu sobre ajudar pacientes “a cultivar um *self*”. Esse uso é interessante sob à luz de um uso peculiar de *self* feito por volta de 1900, significando: “Fertilizar através do pólen da mesma planta”. Poderia-se, então, “selfar” uma flor. Assim, analistas do Middle Group ficaram na esperança de guiar o florescimento do *self*.

Lacan rejeitou essa coletânea de metáforas de jardineiros. Em uma dura crítica aos modelos de desenvolvimento nos analistas anglo-americanos, reivindicou:

Vocês, analistas, podem mesmo, honestamente, me trazer testemunhos destes esplêndidos desenvolvimentos típicos do ego dos sujeitos? Isso são apenas histórias. Nos contam como esta grande árvore, este homem, tem um desenvolvimento tão suntuoso... Uma vida humana é algo completamente diferente. (Lacan, 1954-1955/1988, p. 155)

Não há uma palavra francesa para *self*. O termo preferido de Lacan era *le sujet* – o sujeito –, cujas origens estão mais próximas da política do que do mundo natural. No *Oxford English Dictionary*, um sujeito é “alguém que está sob domínio de um monarca”, e isso foi um termo chave tanto para Hegel quanto para Kant. Althusser (1971), que acreditava que Lacan havia preparado o terreno para um encontro da psicanálise com o marxismo, é conhecido por dizer: “*Être un sujet, c’est être un sujet*”, ou seja, ser um sujeito no sentido de ter controle é ser um sujeito no sentido de ser limitado pelas leis da cultura.

O sujeito lacaniano se estende por quatro pontos definidos por ele como as pulsões, o ego, os objetos e o grande Outro (Lacan, 1964/1978). Acredito que os três primeiros estão incluídos no *self* winnicottiano, o que não se repete com o grande Outro. A ideia de que o sujeito contém dentro de si um lugar de alteridade radical é o que diferencia o sujeito lacaniano do *self* do Middle Group. O grande Outro pode ser representado diversamente pela cultura, por Deus, pelo inconsciente ou pela própria morte. A distinção entre *self* e sujeito leva a diferentes visões de tratamento clínico. Para Lacan, o analista começa na posição do grande Outro, não da mãe suficientemente boa. Para ele, uma interpretação deveria estar “no meio termo entre uma citação e um enigma”, não em uma “boa alimentação”. Para Winnicott, o primeiro drama se concentra na perda da criança ou do medo da perda da conexão maternal. Para Lacan, apesar de essa perda obviamente ser importante, algo ainda mais profundo está em jogo: a *falta* construída dentro da subjetividade da existência do inconsciente.

Provavelmente o primeiro analista a incorporar corajosamente em seu próprio escrito as contribuições de ambos os pensadores foi André Green:

Depois de Freud, eu vejo dois autores que levam sua pesquisa e coerência muito adiante, à base de dois pontos de vista bastante diferentes, e que, até certo ponto, convergem. Estes dois autores são Lacan e Winnicott. (Green *apud* Clancier & Kalmanovitch, 1987, p. 121)

Inicialmente colega de Lacan, Green o rejeita posteriormente e se sente inclinado ao trabalho de Winnicott e do Middle Group. Ele escreve: “Eu considero *O brincar e a realidade* como um dos

trabalhos fundamentais da psicanálise contemporânea” (Green, 1986, p. 10). Para Green, construções como o período pré-edipiano, o diagnóstico *borderline* e o uso de contratransferência – todos anátemas na escola de Lacan – tornaram-se *sine qua non*. Green qualifica seu entusiasmo ao dizer: “Eu não sou um winnicottiano incondicional (...). [Um] analista que realmente quer pensar sobre a prática não pode dispensar com uma reflexão sobre a língua uma reflexão que está ausente em Winnicott” (Green *apud* Clancier & Kalmanovitch, 1987, p. 121). Eu concordo.

A única reflexão sobre língua em Winnicott pode muito bem ser sua fala: “Curar em sua raiz significa ‘cuidar’”. Não encontrei um exemplo de sua pausa para refletir sobre um significante usado por um paciente – nem mesmo no histórico do longo caso chamado *Holding e interpretação*. Quando supervisiono jovens terapeutas que se consideram “winicottianos”, “relações de objeto” ou “relacionais”, ouço muita sensibilidade em relação ao afeto do paciente, mas nunca uma exploração do nome do paciente ou outros significantes chave.

No trabalho de André Green, vemos um analista em uma sintonia admirável com o pré-edipiano, o imaginário e a língua. Em seu ensaio “A mãe morta”, Green insiste que, para obedecer à regra do silêncio com pacientes que sofrem do “complexo de mãe morta”, só irá repetir seus traumas iniciais. Ao contrário de Lacan e da maioria dos lacanianos, ele não dispensa a noção de contratransferência. Ele entende que mesmo o analista mais “neutro” é nada mais do que um ser humano e ele vai experimentar afetos primitivos na sessão, afetos esses que é melhor que sejam identificados do que desconsiderados. Ao mesmo tempo, Green nunca abandona seu interesse no significante. É como se ele se voltasse a Winnicott para uma teoria do ambiente, do *holding* (segurar) e do brincar e se voltasse a Lacan para a responsabilidade pelo papel das palavras e mesmo das letras no inconsciente.

2. O pré-edipiano *versus* a família até

Talvez a diferença entre Winnicott e Lacan seja a diferença entre os números “dois” e “três”. Winnicott explorou a díade mãe-bebê de uma maneira mais evocativa do que qualquer analista anterior ou posterior a ele. Ele é, muitas vezes, criticado por subestimar o papel do pai, que Lacan introduz com sua famosa construção de *le nom du père*. No entanto, quando enfatizo a diferença entre “dois” e “três”, estou me referindo também a duas ou três *gerações*. O sujeito lacaniano começa antes mesmo do nascimento do indivíduo e, com isso, Lacan não quer dizer meses antes, mas anos antes do nascimento. Ou seja, antes de falarmos, falaram de nós. Nós nascemos em um mundo que não foi

criado por nós e em uma família cujas angústias, esperanças, conflitos e feridas – apesar de muitas vezes desconhecidos por nós – nos modelam profundamente.

Em seu sétimo seminário, Lacan usou a palavra grega *Áte*, através da qual ele quis representar a loucura ou a maldição da família. Por exemplo, se houvesse a tentativa de entender a figura de Antígona, tendo como base somente as interações da mãe com ela quando criança, falharíamos completamente ao compreender sua verdade trágica. Somente se compreendermos os eventos que a antecederam – não apenas o suicídio de sua mãe, como também os crimes de seu pai, Édipo, de seu avô, Laio, e de seu bisavô, Labdaco –, poderemos compreender Antígona de uma maneira que não é sentimental. Em seu seminário sobre ética, Lacan toma a posição de que nenhum sujeito que sofre – sem sintoma – pode ser entendido sem o recurso de três gerações ou mais.

A noção da transmissão de trauma intergeracional – cujas raízes acredito que possam ser encontradas em Freud (1923) – agora é extremamente popular entre terapeutas. Isso realmente faltava em Winnicott? Certamente, não há menção à transmissão de trauma intergeracional em nenhum histórico de seus casos. Além disso, em minhas entrevistas com seus pacientes antigos, tais como Marion Milner, Edith Balint e Charles Rycroft, descobri que os avós raramente eram mencionados.

Justamente quando encorajava colegas lacanianos a prestarem atenção à contratransferência, encorajei aqueles do lado de Winnicott a considerarem, pelo menos, as três gerações.

3. Dois exemplos

Usarei minha própria experiência como analisada para ilustrar esses pontos. Minha primeira análise foi com alguém que havia estudado a obra de Winnicott. Ela proporcionava um ambiente de *holding* suficientemente bom e trabalhamos muito minha relação inicial com minha mãe, com meu pai e também com minha irmã. Minha segunda analista era lacaniana. Antes que eu pudesse me deitar sobre o divã, ela quis saber o máximo possível sobre minha história, voltando tantas gerações quanto pôde. Em uma das sessões preliminares, ela me pediu para falar sobre meus nomes. Ninguém nunca havia me perguntado nada disso em meus tratamentos anteriores. Eu contei a ela algo sobre meu primeiro nome, meu segundo nome e meu sobrenome. Na sessão seguinte, eu disse: “Tenho mais algumas coisas para falar sobre o meu nome, se você achar que tudo bem”. Um mês depois eu senti como se houvesse algo muito importante a ser acrescentado. Seis meses depois, eu disse: “Eu não posso acreditar que me esqueci de dizer que, quando eu tinha duas semanas de vida, o padre se recusou a me batizar com o nome ‘Deborah’”. Ele disse que não era um nome de santo. Minha mãe,

que não tinha ido para a faculdade e que se intimidava pelos padres, insistiu: ‘Eu encontrei este nome na *Bíblia* e este é o nome dela!’”.

No divã lacaniano me encontrei associando livremente o que aquele nome bíblico poderia ter significado para minha mãe – e meu pai – e para o padre antisemita – assim como o que ele significou para mim durante os anos. Por exemplo, apesar de uma vez eu ter acreditado que me tornara uma feminista durante a universidade, percebi: eu havia sido batizada uma feminista.

Aqui há um segundo exemplo. Um paciente meu que chamarei de William Carey era um médico e sofria de ansiedade a respeito de sua saúde mental e física. Ele contava de sonhos em que era colocado na prisão por crimes que não havia cometido. Ele tinha certeza de que um dia pararia de funcionar e não conseguiria sair da cama. Na primeira sessão, ele disse: “Tenho medo de que esse sentimento estranho de desgraça seja algo que vou carregar comigo por toda a vida”. Era importante proporcionar um ambiente de *holding* para esse paciente, que havia se sentido privado de cuidados maternos suficientemente bons durante toda a sua vida, pois tinha uma mãe que estava sofrendo a perda de seu pai à época de seu nascimento. Também introduzi a ideia de Winnicott do “medo do colapso” (1963/1989), querendo dizer que o que mais tememos já aconteceu, na infância.

Winnicott era essencial para esse tratamento, mas a ideia lacaniana da família também era uma entrada importante. Quando o avô de William ficou velho e doente, nenhum de seus sete filhos queria acolhê-lo. Esse avô foi colocado em um avião e mandado para morar com seu irmão gêmeo, um homem que ele detestava. Um incêndio a bordo do avião ocasionou sua queda, não deixando qualquer sobrevivente. Os corpos sofreram queimaduras tão graves que não puderam sequer ser identificados. O pai de William se sentiu muito envergonhado e culpado e se tornou frio e calado. “Meu pai andava pela casa como um zumbi”, contou meu paciente. William nunca relacionou seu próprio sentimento de desgraça culpada com a horrível morte de seu avô. Ele nunca havia ligado sua carreira de médico especialista em acidentes com incêndios a esse evento. Foi muito tocante para ele perceber como a família *Áte* – a maldição da família – estava escrita em seu próprio nome: “A desgraça é algo que eu carregarei” (“*The doom is something I will carry*” = “*I, Will Carey*”).¹

Alguns alunos se chocam ao saber que Lacan *não* proporcionava o conforto de um ambiente de *holding* para um paciente como William. Outra questão: o que possibilitaria a um paciente como esse tolerar o silêncio, a severidade e a brevidade das sessões de Lacan? Quero mencionar que os escritos dos pacientes de Lacan sobre a análise com ele mencionaram sua devotada recepcionista,

¹ Em inglês, a expressão “*I will carey*” significa “eu carregarei”. Ao mesmo tempo, a sonoridade dessa expressão inglesa remete ao nome do paciente, William Carey, já que “Will”, além de indicativo de verbo no futuro, é diminutivo do nome “William”. Desse modo, “*I will carey*” equivale a “*I, Will Carey*”. (N. T.)

Gloria Gonzales (Rey, 1989; Godin, 1990; Haddad, 2002). Ela era a “mãe coruja” que presidia a sala de espera de Lacan, onde os pacientes de fato esperavam, às vezes por horas. Ela fazia com que as pessoas se sentissem confortáveis e até batia na porta de Lacan se ela pensasse que algum paciente estava esperando há muito tempo. Talvez fosse a devoção maternal de Gloria – seu ambiente de *holding* – que permitiam a ele sustentar sua posição como o Outro.

4. Conclusão

Apesar de insistir nos benefícios de ler Winnicott e Lacan, isso envolve um risco: o de exageradamente simplificar ambas as tradições. Alguns argumentariam que são tão complexos e profundos que é melhor escolher um e trabalhar criativamente a partir dele. Não proponho que colemos as construções para fazer uma teoria “total”.

Uma maneira de se pensar como usar Winnicott e Lacan é invocar a ideia de Gregory Bateson de uma “descrição dupla”. Bateson (1972) aponta que o olho esquerdo e o olho direito mostram ao cérebro uma imagem ligeiramente diferente e que a diferença está relacionada à nossa habilidade de ver *profundidade* no campo visual. Uma opção é simplesmente conscientizar os alunos sobre Winnicott e Lacan, sem qualquer tentativa de combiná-los. Isso traz à mente o exemplo da visão do físico moderno sobre a luz, tanto como onda quanto como partícula. Se podemos aceitar um paradoxo tão surpreendente quando tratamos da luz – uma substância de fato e também um mero padrão –, então talvez possamos imaginar cada indivíduo como um *self* winnicottiano e um sujeito lacaniano.

Uma segunda, e mais ousada, maneira de imaginar a conversa de Winnicott e Lacan é algo que pode levar a uma espécie de “terceira via” para psicanalistas, a uma nova tradição independente ou um novo Middle Group (Luepnitz, 2011).

No meio-tempo, uma deliciosa imagem de como ir adiante vem de minha colega, a doutora Mardy Ireland, que diz estar comprometida a um “jogo do rabisco” entre Winnicott e Lacan que durará a vida toda.

Sendo clara, quero que os alunos comecem a aprender Winnicott e Lacan através da leitura dos textos originais, e não apenas dos comentários. Porém, mais do que tudo, quando crescemos como clínicos ao longo dos anos, produzimos nossa própria bricolagem. Para serem efetivas, nossas teorias devem ser reinventadas para cada paciente.

Adam Limentani (1977) uma vez observou: “Psicanálise não é apenas uma profissão impossível, é também muito difícil”. Trabalhar entre as tradições inglesa e francesa não faz da vida

mais fácil nem vai resolver para sempre o problema de conflito interno pintado no quadro da senhora Milner.

Consciente desses riscos, ainda acredito que há muito a se ganhar ao trabalhar no espaço entre *self* e sujeito, entre Winnicott e Lacan, entre devoção e desejo.

Referências

- Althusser, L. (1971). *Lenin and philosophy and other essays*. New York: Monthly Review Press.
- Bateson, G. (1972). *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books.
- Brecht, B. (1966). *Galileo* (C. Laughton, Trad.). New York: Grove Press.
- Clancier, A., & Kalmanovitch, J. (1987). *Winnicott and Paradox: From Birth to Creation* (A. Sheridan, Trad.). London: Tavistock.
- Freud, S. (1923). The ego and the id. *S. E., IX*: 12-66. London: Hogarth.
- Godin, J. G. (1990). *Jacques Lacan, 5 rue de Lille*. Paris: Seuil.
- Green, A. (1986). *On private madness*. Madison: International Universities Press.
- Haddad, G. (2002). *Le jour où Lacan m'adopté: mon analyse avec Lacan*. Paris: B. Grasset.
- Ireland, M. (2003). *The art of the subject*. New York: Other Press.
- Kirshner, L. (Ed.). (2011). *Between Winnicott and Lacan: A Clinical Engagement*. New York: Routledge.
- Lacan, J. (1977). *Écrits: A selection*. (A. Sheridan, Trad.). New York: Norton.
- Lacan, J. (1978). *The seminar of Jacques Lacan, Book XI: The Four Fundamental Concepts of Psychoanalysis* (J.-A. Miller, Ed.; & A. Sheridan, Trad.). New York: Norton. (Original work published 1964).
- Lacan, J. (1988). *The Seminar of Jacques Lacan, Book II: The Ego in Freud's Theory and in the Technique of Psychoanalysis* (S. Tomaselli & J. Forrester, Trad.). New York: Norton. (Original work published 1954-1955).
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire, livre VIII: le transfert*. Paris: Seuil. (Original work published 1960-1961).
- Lacan, J. (1992). *The Seminar of Jacques Lacan, Book VII: The Ethics of Psychoanalysis* (J.-A. Miller, Ed.; & D. Porter, Trad.). New York: Norton (Original work published 1959-1960).
- Limentani, A. (1977). Affects and the psychoanalytic situation. *International Journal of Psychoanalysis*, 58, 171-182.

- Luepnitz, D. (2006). *Os porcos-espinhos de Schopenhauer* (V. Ribeiro, Trad). Rio de Janeiro: José Olympio.
- Luepnitz, D. (2011). Thinking in the space between Winnicott and Lacan. In L. Kirshner (Ed.), *Between Winnicott and Lacan* (pp. 1-28). New York: Routledge.
- Miller, J. A. (1981). Problèmes cliniques pour la psychanalyse. *Quarto*, 1, 31-43.
- Moncayo, R. (2003). The Finger Pointing at the Moon: Zen Practice and the Practice of Lacanian Psychoanalysis. In J. Safran (Ed.), *Psychoanalysis and Buddhism* (pp 331-363). Boston: Wisdom Publications.
- Rey, P. (1989). *Une saison chez Lacan*. Paris: Robert Laffont.
- Rycroft, C. (1985). *Psychoanalysis and beyond*. London: Chatto & Windus.
- Vanier, C., & Vanier, A. (Eds.). (2010). *Winnicott avec Lacan*. Paris: Hermann Éditeurs.
- Winnicott, D. W. (1967). Mirror-role of mother and family in child development (pp. 111-118). In D. W. Winnicott, *Playing and Reality*. London: Tavistock. (Original work published 1971a).
- Winnicott, D. W. (1989). Fear of breakdown. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Eds.), *Psychoanalytic Explorations* (pp. 87-95). Cambridge: Harvard University Press. (Original work published 1963).